



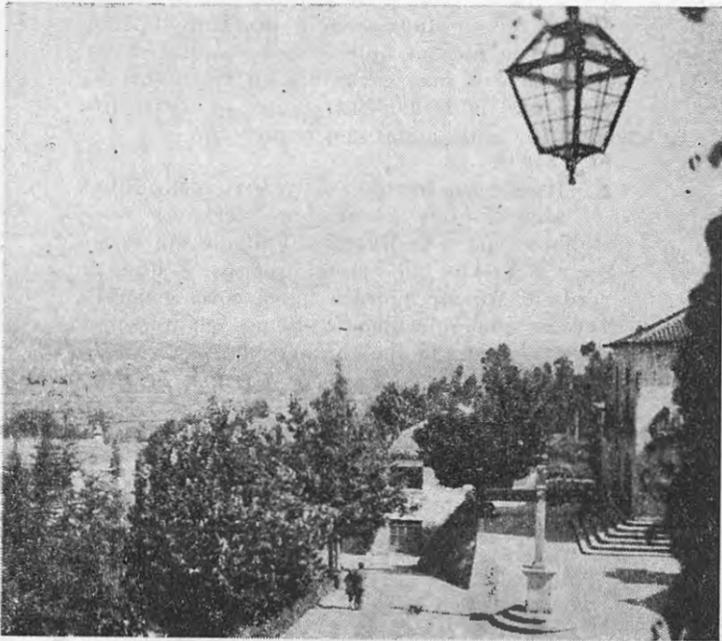
Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

26 DE SETEMBRO DE 1964
ANO XXI — N.º 536 — Preço 15

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO CASA DO GAIATO ★ PÁCO DE SOUSA FUNDADOR Padre Américo VALES DO CORREIO PARA PÁCO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENARI
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR PADRE CARLOS COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO



As belezas naturais, servidas pela mão do homem, são indispensáveis em um santuário d'almas.

DOUTRINA

Quem se não lembra ainda daquela Família empenhada «há mais de 13 anos com um dívida para cima de 20 contos, a 10%»? O concurso das respostas foi tão pronto e estas tão eloquentes, que, se a dívida não ficar de todo saldada, a angústia daquela pobre gente foi substancialmente diminuída.

Com certeza Padre José Maria, tomando tema em tantas belíssimas legendas recebidas, dá conta de como foi a correspondência sempre viva dos leitores de «O Gaiato».

Mas se a angústia daquela pobre gente foi substancialmente diminuída, a nossa não. Nossa permanece — e quereria que nunca se extinguísse enquanto a Justiça não for uma realidade consumada.

A história desta Família é semelhante à de milhares. Sômente, que em muitos desses milhares de Pobres, quase asfixiados pelo aperto sempre crescente dos «juros de juros», foi sua má cabeça a causa da morte lenta em que vivem. Duas misérias, afinal... Mas quantos não se desequilibraram, pela doença, pela invalidez, sem encontrarem em volta nada firme em que se segurassem, pois a imprevidência é ainda entre nós a regra geral?!

Depois de tantos anos a lidar com casos e mais casos, acontece-me que a reacção perante eles se vai sensibilizando mais em relação ao que neles há de universal e permanente e menos ao singular de cada um. Será razoável?... Será «deformação profissional»?...

Sei por experiência que não é assim a reacção das maiorias menos habituadas ao contacto com a miséria. Nunca um peditório é tão correspondido como quando nos surgem a ilustrar doutrina uma história triste, que fez chorar. Somos um Povo sentimental. As lágrimas, porém, depressa se enxugam e a impressão que feriu a fonte delas e as fez rolar, cedo se esqueceu. Se fôssemos pedir por amor ao dinheiro esta seria a tática

Cont. na TERCEIRA página

Setúbal

O sacristão veio falar-me dos seus sonhos. E já te contei como ele abriu a minha mão com a mão dele e deixou lá 20\$00! Agora sobe mais alto. Todos os dias ele passa pelas nossas obras, observando o movimento e o andamento!... Tem-se entusiasmado. Fala-me ao longe, levanta o braço e sorri com a alma toda. Desta vez parou. Entrou na vedação. Pôs-se sobre os alicerces. Oíhou a profundidade de cada pilar, a grossura e a quantidade do ferro e olhando-me de frente, com ar de vitória e de paz pôs-se a contar: «Sabe?... Eu mais a minha família (e bem numerosa que ela é, — os filhos são alguns oito) resolvemos pagar um destes pilares. Quero que me diga quanto custam».

Continua na SEGUNDA página

Malanje

Tenho fé em Deus que nunca abandona os lírios do campo, nem as avezinhas do Céu, muito menos os homens seus filhos. Mas às vezes a gente descuida-se e os nossos passos e, se não estes, os nossos pensamentos, ocupam-se demasiado no amanhã dos nossos filhos. Nós sabemos que inúmeras famílias abastadas reduzem o número de filhos precisamente por via das heranças dos mesmos. Ora ele não há maior herança do que darmos aos nossos filhos as armas capazes para que eles amanhã se possam defender na vida: amigos do trabalho, afeitos a privações, capazes de se sacrificarem. A mocidade das palhas, bem orientada, tende hoje em dia a suplantar a Mocidade das rendas, que por ser amada de mais — salvo excepções — quase sempre sai derrancada. E é por isso que se podem contar pelos astros a mocidade que devia ir à frente, mas que espera e antes quer ser elegante e deliciada, comendo hoje o pão que o paizinho ganha e amanhã o que o diabo amassa.

Já alguém do nosso tempo disse que não era nada mau que se riscasse do Código a lei que faz dos filhos herdeiros necessários dos pais. Quem sabe?!... Se assim fosse, talvez neste século não tivéssemos tanta mocidade delincente. Sim, quantos há, queridos leitores, que são hoje trambolhos em vez de alavanca, apenas porque acreditaram na riqueza dos pais — quantos!

Ora, bons leitores, nós não esperamos as vossas ajudas para nós desleixarmos com o trabalho. Não. Nós precisamos, ou melhor, a Obra precisu dos

Cont. na SEGUNDA página

TRIBUNA DE COIMBRA

● Hoje é sábado. A Tia Maria do Porto da Pedra arrastou-se do meio do lugar e veio buscar um pãozinho. O nosso António Castelinho respondeu que só cozia à tarde. — A Cáritas dá-nos farinha para o pão do café dos domingos.

Perguntei à Tia Maria se tinha fome. Respondeu que a fome é só de três dias, mas que às vezes comia mais se tivesse quê. Repeti-lhe o que já tenho dito muitas vezes: em nossa Casa há sempre com que matar a fome e não faremos esmo'a nenhu-

ma; sômente repartimos do que Deus nos dá. Ela agradeceu.

A Tia Maria regressou ao seu velho palheiro. Vive só, com sua doença e peso de anos e com saudades de dez filhos que criou para a Pátria. A sua casinha só tem a porta velha e ela, logo de manhã, se senta à espreita do sol que, através daquelha apertada, entra um pouco na casa toda vazia, só cheia de saudades e amarguras.

Os filhos da Tia Maria vivem todos

muito pobrememente e ela quer acabar os últimos dias no seu palheiro onde o seu homem também acabou, confortado com os tesouros da Mãe Igreja, os quais lhe administrei.

A Tia Maria é irmã de todas as outras Marias da terra inteira. Da Maria mulher do comerciante, da Maria do industrial, da Maria esposa do ministro, da Maria condessa de tal parte, da Maria rainha de tal reino.

Continua na TERCEIRA página

AQUI LISBOA

● É época dos grilos, cá em Casa. Por todos os lados se encontram: nas camaratas, nos quartos de banho e nas oficinas. Os nossos aposentos não são poupados e somos assediados com a garantia: «este canta bem». Um dia destes, já noite entrada, ao passar por uma das camaratas, o «Bacalhau» exclama: «Senhor Padre, o grilo do «Papagaio» não me deixa dormir». Sorrindo e continuando, vamos dar com uma caixa perfurada, donde parte o gri-gri-gri do «cantador» do Xangai, o nosso vendedor número um, precisamente colocada debaixo da travesseira! Entretanto, o seu proprietário dormia profundamente e, ao lado, o «Toureiro» parecia, pela expressão, também não ser afectado. Quadros como estes são lei nas nossas Casas, constituindo como que um lenitivo nos nossos trabalhos e cansaças, mas não deixando esquecer, porém, os dramas e injustiças de que muitos destes nossos filhos são actores forçados e vítimas inocentes.

● Contado não tem graça. Só vivendo a coisa nos seus pormenores se pode saborear todo o seu conteúdo.

Pensámos fazer umas experiências com porcos de pouca idade, encomendando, para isso, farinhas apropriadas e um adjuvante vitamínico para lhes imprimir rápido crescimento. Quando demos conta, as rações para porcos de tenra idade estavam a ser dadas a animais adultos, com bastantes arrobas de peso! As vitaminas tinham desaparecido. Procurámos por estas e chamámos a contas todos os presumíveis responsáveis. Nada apurado. Qual não é o nosso espanto quando, passados dias, vimos a descobrir que o «Marvila» andava a pôr nas camas do Casal as vitaminas, em vista àquelas medidas de higiene usuais. Esta de dar a possíveis indesejáveis pulgas ou a nojentos percevejos vitaminas para porcos, só numa Casa do Gaiato! Não conseguimos manter a gravidade que a situação requeria e desmanchamo-nos. Começámos, porém, a ficar apreensivos com a hipótese de nos virem a dar D. D. T. aos porcos!

● No mês passado vivemos horas angustiosas por não sabermos como fazer face aos encargos permanentes e a outros eventuais. Sobre a mesa do escritório, papel, lápis e contas sem solução. Possibilidades humanas de resolver os problemas não as descortinávamos. O caminho, como sempre, era só um: fazer tudo o que fosse possível da nossa parte e entregarmo-nos nas mãos da Providência.

O Evangelho dos lírios do campo e das avezinhas do céu veio-nos várias vezes à mente e, na hora própria, sem sabermos como à maneira dos homens, mostrou-se não ser palavra vã. Louvado seja Deus!

● Por temperamento somos lutadores e perseverantes na acção, o que representa grande graça do Céu. A Fé, aquela de transportar montanhas, também a vamos pedindo ao Senhor, mau grado as nossas tergiversações e fraquezas. Por tudo isto, aliado a um sonho que não é só nosso e vem de trás, vamos pensando na Aldeia a levantar e, sem nada no bolso, esperamos começar muito em breve com a construção das escolas. Os Rapazes que estão ao nosso cuidado exigem este esforço e merecem toda a atenção. Queremos, na linha de Pai Américo, obra séria, em que a fachada não tenha lugar. Há aqui ocasião de os nossos Amigos se pronunciarem e excelente oportunidade de óptima aplicação do capital: «cem por um» é o juro garantido ao vosso serviço, por amor de Deus. Entretanto, os mealheiros que aqui temos aguardam requisição.

● Houve em tempos, salvo erro pelo Natal, alguém que prometeu arranjar uma biblioteca para os Rapazes. Falámos em estantes e disse-nos não serem precisas, o que, na verdade, foi até agora a única coisa concreta. Terá havido esquecimento? Se nos lembrássemos desse alguém, já lhe teríamos batido à porta.

PADRE LUIZ

Malanje

Cont. da PRIMEIRA página

vossos óculos para melhor poder educar os seus filhos, os quais não tiveram quem lhes deixasse por herança, não capitais para viverem de costas ao alto, mas sim as armas indispensáveis para

enfrentarem a vida tal qual ela se nos apresenta.

As nossas Casas são lares de Família pobre onde o trabalho não pode faltar, mas que em virtude dos seus membros serem menores, também não podem prescindir da vossa ajuda.

Não foi em vão o apelo feito sobre roupas, na última crónica. Ele apareceu aí alguma que nos veio fazer muito jeito, quanto mais agora que vão começar as aulas e nós queremos que, embora pobres, os nossos estudantes se apresentem limpos e arranjados.

Na fazenda é outra coisa. Por mais que se diga que tenham cuidado com a roupa, eles andam muitas vezes sujos e rotos, principalmente os mais pequenos, a quem não há nada que resista. Mas agora esta sujidade e estes rasgões já não são motivos pela boa-vida, mas sim por via do trabalho que se apresenta.

É assim a nossa vida. O Sr. Governador deste distrito é um das testemunhas. Pois ainda há dias veio cá visitar-nos com a sua Família e foi mesmo assim que nos encontrou. Nem nos pudemos cumprimentar como era devido. Depois ele prosseguiu a sua visita e nós continuámos no nosso trabalho. Ele bem sabe que nas nossas Casas não há etiquetas, nem regras, nem tão pouco protocolo. «Nós somos a porta aberta» e, quem nos visita, já sabe que somos uma casa de trabalho. Daí a revolução social que é a Obra da Rua. O criado, o director, mais o perfeito e não sei que mais pessoal, nas nossas casas não tem cabidela. Elas são de rapazes, para e pelos mesmos rapazes.

É por meio do trabalho que melhor nos educamos e formamos. E então agora que começaram as obras da Casa-mãe não há ninguém que não tenha o



Haverá no mundo sorriso mais cândido e significativo que o de uma Mãe atagando nos braços o seu filho recém-nascido? Aqui está a Emília do Fernando Dias, ambos ao serviço da Obra, em Malanje.

SETUBAL

Continuação da PRIMEIRA página

O sacristão que dá lições aos padres!... Que me estimulas a amar a pobreza e a viver da confiança! Que grande lição para mim!...

Ele tira à sua boca, às necessidades vitais, para ajudar as nossas oficinas!... É a prova convincente de que a Obra vai de seguida e de que Deus sente a sua urgência!

Este homem tem aprendido o que é Igreja. O que significa Comunicação dos Santos! O que se entende por Corpo Místico!... O sacristão sabe rezar o Pai Nosso!...

Ele é uma barreira que se levanta contra um cristianismo platónico, feito de ritos, misticismo e entusiasmo que não chega a penetrar na vida do homem.

O seu cristianismo é Vida. Vida em abundância. Provada com factos. Vivida com amor puro!

PADRE ACÍLIO

tempo bem ocupado. Até o André que, além de fazer que rega o jardim, tem agora a obrigação, mais o Laranjinha e Quim, de molharem as pedras e a massa que os pedreiros vão assentando nos alicerces que estão já fora da terra. E aqui temos muito que agradecer ao Sr. Governador pelo empréstimo de uma camioneta, mais ao Sr. Comandante do Batalhão, assim como não podemos deixar de ter em apreço a boa vontade dos motoristas que foram sempre de uma amabilidade espantosa. Bem hajam pois.

Aqui deixamos também a lembrança aos Senhores que tenham camionetas. Se quiserem,

podem fazer-nos uma carruinha de pedra, de arca ou até de saibro, pois a nossa carrinha não dá vazão a tudo.

O Manuelzito continua na labuta dos galinheiros e coelhos os quais já se multiplicaram bastante e a malta está sempre à espera de uma arrozada deles.

A nossa Família está a crescer. Em princípio ficou dito que não entrava nenhum nestes primeiros dois anos, mas os casos são urgentes e daí a vinda de mais o Mendonça e do Pedro. Esperamos que estes dois nossos irmãos se adaptem condignamente à nossa maneira de viver.

FERNANDO DIAS



CARTA DE BENGUELA

«Meu bom amigo:

Eu queria tanto que não visses nesta minha demora de te escrever, algo de desconsideração para contigo. Que nem por sombras te passe isso pela mente, não senhor. Simplesmente isto: só vos havia de escrever, a vós casados, depois de cá estar há um bom bocado de tempo, porque o que se diz logo após a chegada é fruto só de saudades. Mas a vós, que tendes o mesmo ideal que eu abracei, queria-vos dizer mais do que a saudade. Eu sei que vós bem me conheceis; sou sempre o Américo, bom ou mau serei eu; por isso nunca esquecerei aqueles que viveram comigo durante os anos da minha regeneração, e que em certo ponto bem importante, tivestes forte influência em mim. Ora eu posso ser tudo, mas ingrato reconheço, embora sem modéstia, que o não sou.

Portanto, digo-te muito cá do íntimo que vos recordo com imensa saudade. Então de ti vai ser bem doloroso quando se aproximarem as festas e eu aqui, eu que fui contigo a parilha dos êxitos que graças a Deus alcançámos; e eu sei que tu também te há-de recordar de mim, não por me julgar insubstituível, mas porque momentos como os que vivemos deixam sempre em nós uma saudade profunda. Queres crer que tenho chorado ao ouvir as gravações delas? Sim, mas

que queres? Quem ama sofre. E eu aprendi a amar muito aquela plateia de amigos que vou procurar criar aqui. Gosto já muito também desta gente, que é muito generosa e boa. Está tudo morto por uma festa. E sem saber, sou aqui conhecido por tal. Tenho gente para uma festa como a última do Coliseu. Lá pró fim do ano talvez nós possamos aparecer e dar um ar das nossas vidas para o palco.

Senhor Padre Manuel anda bastante cansado. Mas é sempre um homem alegre e bem disposto. Está muito diferente daquilo que nós conhecíamos aí. Trabalho é o que mais há nesta

Casa, que daqui por uma boa temporada será qualquer coisa de muito falado. Gosto destes rapazes que se adaptaram bem e depressa à nossa vida e costumes. A nossa quinta rende bastante. Todos os dias, pela manhã, vou com a carrinha levar aos nossos consumidores certos, hortaliças, batatas, bananas e mais tudo de horta, às cidades de Benguela e Lobito e, ao fim do mês, são uns continhos que bem sabem para tanto que aqui há a fazer.

Nós estamos muito bem. Todos gostam de nós e somos acarinhados como irmãos mais velhos. Eu estou apaixonado por Africa;

Continuação da primeira página

inteligente. Mas nós vamos por amor da Verdade e da Justiça. Cegos pela Luz deste amor, até já nos temos esquecido de pedir...!

A impressão que fere até às lágrimas, faz pouca ferida se a inteligência não foi tocada também e não fica a trabalhar, conduzida, talvez, por aquele caso-rastilho, a um mundo de miséria que urge não deixar explodir. Urge, não só, nem tanto, pelos perigos

DOCTRINA

da explosão para os de fora desse mundo; mas por causa dos valores que há nesse mundo, que tanto enriqueceriam a Humanidade, se a sua parte actualmente válida os acreditasse e os descobrisse e lhes desse uma oportunidade.

O caso desta Família dos 20 contos a 10% fica remediado, ou quase... Mas o sistema de afogamento não imputável perante as leis dos homens, permanece. A usura continua a expandir-se livremente, encapada até, às vezes, de benemerente e assim considerada (por mais estranho que pareça!) por algumas das suas vítimas. Eu ainda não esqueci (já lá vão 16 anos!) uma Pobre que pagara várias vezes o seu débito e ainda o devia todo, nem a sua resposta quando lhe aconselhei que não pagasse mais nada (que os moralistas da lei me perdõem!): «Senhor F., mas se não temos mais a quem recorrer, quando precisamos...»

Era verdade! Ainda é verdade!

Que palavra de condenação tão forte, apesar de tão suave, para todos nós!

Ora, pois, o que eu quero dizer é que todos aqueles que sentiram e reagiram generosamente diante deste caso, não arrumem o sentimento. Lembrem-se de que este é um caso entre milhares de semelhantes. Este doente venceu; a epidemia grassa. Não podemos descansar enquanto não realizarmos uma estrutura que lhe resista e providencie eficazmente nos pontos mais vulneráveis, que sempre restarão abertos à investida do mal.

O coração tem um grande papel, no manter, no renovar do entusiasmo e do vigor dos que empreendem a longa realização. Mas há-de ser a inteligência quem a dirige e a conduz.

Ora o nosso coração é volúvel e a sua capacidade de calor humano muito variável.

gosto imenso disto tudo, desta grandeza e desta gente que por vezes me dá pena por ver o seu atraso. Pai Américo deve estar radiante com a fundação destas nossas Casas aqui em África. Tanta gente que agora faz bem à sociedade por nosso intermédio! Caiu formidavelmente a Obra em Angola e tanto que há cá para fazer!

Bem, meu caro, por hoje vou terminar. Em seguida vou ver se a cama quer alguma coisa comigo. Dá cumprimentos nossos a todos os teus e recebe do Sr. Padre Manuel um grande abraço muito apertado. E de mim aquilo que tenho no coração e que te ofereço com toda a alegria que me vai na alma: amizade forte de irmão.

Abraça-te com enorme saudade, o teu

Américo.

Do que nós necessitamos

Mais 4 caixas de medicamentos de um médico. Mais tecido para camisas, de Albertina. Os 100\$00 habituais de um assinante de Rio Tinto, pedindo orações aos nossos rapazes e doentes. Mais 50\$00 de um anónimo, por ter passado para o 7.º ano. Mais 15\$00 de Clara e José Flores. Mais 5\$00 de Alexandrina. Mais 500\$00 de um visitante de Lisboa, antigo colega de Faculdade do Senhor Padre Carlos. Pela passagem do 10.º aniversário, o Grupo Excursionista «Os amigos de S Brás», mandam 50\$. Mais 20\$00 de Oliveira do Douro. Os patrões e operários de Malhas Marão, pedindo bênçãos de Pai Américo, 386\$. Mais 90\$00 de Victor Hugo e Companhia Bateira de nome «Padre Américo». Mais 70\$00 da assinante n.º 16264 e mari-

Cont. na QUARTA página

TRIBUNA de Coimbra

Cont. da PRIMEIRA página

Se todas estas Marias têm pão e carinho, a tia Maria também o deve ter.

À tarde encontrei de novo a tia Maria sentada no muro da nossa fonte. Tinha a seu lado a tia Maria do Ceira. Vinha trazer esta pobrezinha pela mão. A tia Maria do Ceira é cega. O marido é mouco. O filho vive com os pais.

De manhã cedo a tia Maria do Ceira é a primeira a entrar na capela, mal toca a campainha para a Missa. Tenho sempre dó quando a vejo em manhãs de neve e fico mais encorajado para o dia todo.

Há dias a tia Maria vinha a caminho de nossa casa agarrada a uma parede e guiado pela mesma parede seguia o Tio Russo. Quando chocaram um com o outro a Tia Maria disse um palavrão. Eu da janela do meu quarto vi e ouvi. Pedi perdão ao Senhor; não para a Tia Maria, mas para todos os que consentimos que estes pobres

cegos tenham ainda de lutar pela sua subsistência.

Rente à noite topei com o Carlitos na cozinha, de saca branca na mão. Estava à espera que o Carcaça, nosso cozinheiro, o aviasse. O Carlitos vem muitas vezes com os irmãozitos buscar mercearia para a Mãe. Dizem que o Carlitos não é filho do pai. Dizem que o Carlitos é tarado como o pai. Dizem que lá em casa não se passa sem vinho. Dizem que a mãe deixa morrer os filhos, quando ainda pequeninos. Dizem que o homem é um palerma.

Eu não digo nada. Eu não sou capaz de dizer nada. Eu não sei, no lugar deles, o que seria capaz de fazer.

Um dia, lá em casa, disse-lhes que podiam vir buscar sempre e tudo o que lhes fosse necessário. De então para cá não sei se ela tem continuado a deixar morrer os filhos. Eu não quero responsabilidades.

E tu? É-te muito mais fácil dar uma esmola quando te estendem a mão?... E o resto?...

Padre Horácio

DIÁRIO DUM SOLDADO

Quem imagina as lutas que tenho tido para conservar a Graça do Pai?! Infelizmente o Demónio tem-me vencido; mas, felizmente, agora já não fico convencido com essa derrota e Deus, por intermédio do padre, tem-me dado a alegria de trazer a minha alma limpa. E como a alegria interior é diferente daquela alegria - máscara que tantas vezes exteriorizei, mentindo! É pena que só depois de muito sofrer eu tivesse olhado bem de frente para Ele; mas ainda não é tarde — nunca é tarde!

É um mistério que eu não compreendo: Ainda há tão pouco me sentia como que perdido por ver que todos os esforços que o Senhor tinha feito para me levar ao Seu caminho tinham sido inúteis — e de um momento para o outro, e quando já estava a sentir a Sua falta, Deus interpôs-se no meu caminho para me trazer a alegria que sempre ambicionei, mas que nunca quis. É certo que terei muito que lutar, porque os obstáculos que o Demónio me tem reservados serão muitos também; mas sinto em mim uma vontade férrea, alicerçada em Deus, de vencer esse «selvagem» que chegou a fazer-me um indesejado pela sociedade que me rodeava e me queria. Ao lembrar-me das vezes que esse «bicho» me dominou e fez com que estes olhos chorassem bem caro esse domínio, mais se acentua a vontade de «vingança» e só em Deus estão os triunfos dessa «vingança».

Afinal ainda sou um pecador, o mesmo que tantas vezes chorou amargamente a corrupção do pecado. Agora mais do que nunca sei que preciso das orações dos que me amam. Só agora começo a compreender a finalidade daqueles remédios-castigos que Deus lhes dava para me dar. E só agora, que estou livre, é que sei dar o valor!

Dentro de mim ainda há muito orgulho e pouca Caridade. Deus me ajudará a esvaziar-me dele; a encher-me d'Ele.



PELAS CASAS DO GAIATO

SETUBAL

Nas nossas Casas o nosso trabalho é a nossa maior riqueza, por isso todos trabalham desde o mais pequeno ao mais velho, a não ser é claro o nosso César. Bem... mas esse é o reinado!

Ah! Como sabe bem chegarmos à noite e comermos o pão que foi ganho com o suor do nosso rosto. Quando assim não é, o pão... nem sabe a pão.

Como atrás referi o trabalho é a nossa maior riqueza e por isso na nossa Casa tem-se trabalhado, mas trabalho na verdadeira acepção da

palavra. E se os leitores quiserem ter a certeza do que acabo de escrever, visitem em Setúbal no Largo das Arcias as obras do nosso Lar e vejam com os próprios olhos como trabalha a nossa «equipe» de pedreiros, os quais mostram a todos o que é uma Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes.

Referi-me aqui aos pedreiros mas não é minha intenção dedicar-lhes esta crónica, não porque eles a não mereçam, mas simplesmente porque não tenho agora ocasião.

Ora, esta crónica é dedicada aos nossos estudantes que este ano apesar de não terem um comportamento por aí além, foi no entanto bastante bom. E para pôr os nossos leitores à

vontade, devo desde já acrescentar que não vale a pena fechar as copeiras, porque não vai saltar daqui nenhuma raposa.

Vou precisamente começar pelos estudantes do Liceu. O Rogério passou para o 5.º ano; devo no entanto acrescentar, sem contudo lhe queier tirar algum mérito, que sentiu certas dificuldades.

Rouxinol fez exame do 2.º ciclo com umas médias bastante boas, pois obteve média de 12 valores na secção de Letras e médias de 13 na secção de Ciências.

Passemos agora aos estudantes da Escola Comercial e Industrial.

Marta fez exame do ciclo preparatório juntamente com o Campos, Cabanas II e Joaquim Manuel. Escusado será dizer que ficaram todos bem.

O Justino passou para o 2.º ano de aperfeiçoamento de carpinteiro mecânico.

O Manuel Joaquim tirou o 2.º ano de aprendizagem de comércio.

É sua vontade passar para o geral de comércio e por isso aguarda a realização dos exames de transição.

Tivemos também este ano exames de admissão e fizeram os mesmos o Aristides e o Pirão e ambos obtiveram resultados bastante prometedores.

Falo seguidamente dos estudantes do Externato Frei Agostinho da Cruz. Careca e Mãã passaram para o 2.º ano. Chameco com toda a sua vontade e com toda a sua dedicação conseguiu tirar o 1.º ciclo com média de 11. Bem e agora falta falar da minha pessoa. Devo dizer que passei para o 7.º ano e ao mesmo tempo aproveitei para tirar 2 cadeias (o 7.º). Foram elas Organização Política à qual dispensei com 18 e em Filosofia passei com 13.

Não quero acabar esta crónica sem contudo deixar de agradecer ao Sr. Coronel Augusto de Carvalho (director do Externato) que mais uma vez acedeu da melhor vontade às necessidades da nossa Casa.

Finalmente falar-vos-ei da nossa Escola Primária.

A Exame da 4.ª classe foram 13 e ficaram todos bem: nas restantes classes também não houve reprovações. Portanto as senhoras Professoras e os rapazes também estão de parabéns.

CRISANTO

PAÇO DE SOUSA

● Graças às providências tomadas pelo Sr. Padre José Maria, este ano não houve grandes problemas com a fruta. E quando assim é, todos ganhamos com isso. Ultimamente temo-nos regalado com as melancias que são uma delícia. O mesmo sucedeu com os pêssegos, peras e maçãs. Só faltam os figos!...

● A actividade do nosso Grupo de Futebol tem sido continua. Mais dois jogos realizou, um dos quais venceu, empatando outro.

O primeiro foi contra uma selecção formada por elementos do Penafiel, Paredes e da nossa Casa de Beire. O resultado foi de 4-2 a nosso favor. Os golos foram obtidos por Vasco (3) e Virgílio (1).

O segundo foi contra o Fajozes. O resultado foi um empate a 2 bolas. Os nossos rapazes começaram a jogar com demasiada confiança e esta foi-lhes fatal, pois decorridos poucos minutos de jogo o Fajozes colocou-se em vencedor com 2 golos de rajada. A perder 2-0 os nossos rapazes começaram a aparecer com mais frequência na grande área adversária procurando reduzir a diferença. Os seus esforços foram compensados com um golo obtido por Vasco que aproveitou bem uma bola que o guarda-redes largara. Na segunda parte Domingos alcançou o golo que nos deu o empate e o resultado final.

Fausto Teixeira

Benguela

● Dias grandes: Chegada do Américo. Sexta-feira, trinta de Julho. Ouve-se amanhã o «Quanza» chega às sete horas. Mas... contudo Sr. Padre telefonou para a companhia do navio. Já era noite. Disseram que só chegava às treze do dia seguinte. Para não nos enganarmos, logo pela manhã telefonou-se. Desta, só chegava às quinze. Ora nós cada vez mais aborrecidos. Os que o conheciam, queriam-no ver e os que não o conheciam, queriam conhecê-lo. Segue-se, que ainda não foi desta. Ao meio da manhã, pôs-se o telefone a funcionar novamente. Agora de certeza às deztoito. Pusemos tudo pronto e lá vamos nós a caminho do Lobito. Eram deztoito e não chegava. Por fim, às deztoito e tinte, já se viam sinais do navio. Foi então nessa altura que nos começámos a agitar. Olhávamos ansiosos para o dito, até que o primeiro o viu e comunicou aos outros. Eles davam sinais e nós dávamos os mesmos. A Olímpia saiu em primeiro lugar. Américo despedia-se e arranjava as malas. Cumprimenta-se a primeira. Momentos felizes da nossa vida!

Por fim veio ele e a alegria era maior. Um abraço ao Sr. Padre Manuel e logo a seguir todos nós. As malas logo se puseram na carrinha e fomos a caminho de casa porque já era tarde. Jantámos e, em seguida, eles foram para a casa que tínhamos arranjado.

Domingo, mostrámos-lhes tudo o que conhecíamos. Eles mostravam-se radiantes, porque era o fim de mais uma etapa. Ao almoço, connosco colaboraram todos os nossos trabalhadores, e no fim um passeio pelos arredores.

Assim se fez a chegada do nosso casal que há muito esperávamos.

● Quatro de Agosto. Fez sete anos de sacerdote o Sr. Padre Manuel. Naquela manhã fomos todos juntos ao altar. Na missa não nos esquecemos do Sr. Padre Luis que há um ano também se ordenara Padre da Rua. Graças ao órgão que nos ofereceram, o Américo começou por o experimentar nesse dia, durante a missa. O Almoço foi melhorado. Sr. D. Rosa manda matar um cabrito e algumas pombas. Tudo isto assado, não queiram saber o gosto que tinha! Antes da refeição, até fazia crescer água na boca.

Assim se fez a chegada do nosso casal que há muito esperávamos.

● Azevedo: que era a nossa maior alegria, foi-se para a Casa de Malanje. Antes, porém, com o Américo só fazia barulho «à sombra da mandioqueira». E acontece que vão os dois gravar como nasceu a sombra falada. Os leitores não queiram saber. Era a Sr. D. Rosa para aqui, Sr. Padre Manuel para acolá. No fim da gravação, não se lembraram de mais, e foram pôr a respectiva a rolar no refectório. Tudo em silêncio para ouvir. No fim não se fazia outra coisa senão rir que durou alguns minutos. Amigos leitores, tenho mais para vos dizer, mas o espaço é pouco. Até à próxima se Deus quiser.

João Evangelista

● Azevedo: que era a nossa maior alegria, foi-se para a Casa de Malanje. Antes, porém, com o Américo só fazia barulho «à sombra da mandioqueira». E acontece que vão os dois gravar como nasceu a sombra falada. Os leitores não queiram saber. Era a Sr. D. Rosa para aqui, Sr. Padre Manuel para acolá. No fim da gravação, não se lembraram de mais, e foram pôr a respectiva a rolar no refectório. Tudo em silêncio para ouvir. No fim não se fazia outra coisa senão rir que durou alguns minutos. Amigos leitores, tenho mais para vos dizer, mas o espaço é pouco. Até à próxima se Deus quiser.

João Evangelista

Ericeira

É um desejo que esta crónica da nossa colónia de férias da Ericeira seja para vós, caros leitores, alegre e agradável, tanto mais que é a 1.ª vez que escrevo para o «Famoso».

As nossas férias continuam. O ambiente é óptimo e a rapaziada folgazã e divertida, mostra-se feliz, porque a direcção dos seminaristas que nos acompanharam assim proporcionou tal ambiente.

Ambos se esforçaram por dar a a este turno, cerca de 30, uma nota de alegria e fé e camaradagem, através de concursos feitos por equipas, serenatas, passeios e até pela ornamentação dada à nossa linda Casa. Como característica principal da colónia tínhamos os banhos tão desejados quanto divertidos, seguidos de um descanso sobre a areia quente que nos esperava. Era com alegria que subíamos ao cimo do monte onde a nossa Casa nos sorria ao abrir as portas para nos dar a refeição tão desejada!

Quem conheceu os nossos barcos antigos?

Quem conhece agora a nossa Casa tão bem situada, donde se disfruta um panorama tão belo e tão variado, comparável aos miradouros de grande fama?...

Não quero deixar de falar dos nossos benfeitores mais directos, que são os amigos da Ericeira. É bela a nossa Casa, mas se nela não houvesse o pão de cada dia, como poderíamos nós amá-la?!...

A Providência é grande e até na gente mais singela se manifesta e quantas vezes mais vincada...

Aqui fica a nossa estima e o nosso obrigado. Que Deus vos pague.

José Paulo

Do que nós necessitamos

Cont. da TERCEIRA página

do. Mais 100\$ e uma carta bastante simpática. Outro tanto de A. P. — Lisboa-2. Mais 50\$00 dos Centros da Obra das Mães pela Educação Nacional de Braga, Centro de S. Jerónimo, Centro de Palmeira, etc.. Mais outro tanto de Alice para «os leprosos de uma aldeia perto de Malanje». O dobro de «Maria escondida». Outro tanto de Maria — Guimarães. Mais 20\$ de M. D. Mais 60\$ «de uma admiradora desta Obra sublime». Mais 50\$ de uma amargurada, pelo dia 22. «Pedindo uma pequena criação, pelo regresso à Igreja de um ente querido», 100\$ de Gaia. Em acção de graças, outro tanto, de Celeste. Satisfazendo uma promessa, 50\$00, de um anónimo de Lisboa-2. Mais meia dúzia de pares de chuteiras, de Joaquim Trindade. Em acção de graças, 50\$00 de uma anónima reconhecida. Mais calções de banho «Segon», da Casa C. Teixeira Gomes — Lisboa. Ó que bem, e que falta eles faziam! Um saco de roupas de S.to Amaro de Oeiras. De uma nossa admiradora recebemos um fato com receio de que não servisse. Serviu! Ó se serviu! Ficou justinho! Por aumento de ordenado, 100\$00 em vale de correio e mais 50\$ por exame do 2.º ano de uma neta, de Coimbra. Mais roupas e outras coisas de Estarreja. E os nossos sinceros desejos de boas melhoras e um muito obrigado. Mais 8 casacos, 4 calções, 5 camisas, um fatinho, 6 bonés, tudo da Alfaiataria Infantil. E selos com força e bons de Alvaro João da Silva e Costa L.da. Sim, senhora Viuva de Lamego, cá recebemos tudo que nos mandou e obrigado! Mais um volume com tecidos. Mais 20\$00 de um anónimo do Porto. Mais 400\$ da Igreja

Lusitana Evangélica. Para ajudar as malas do Américo, 100\$ de Coimbra, assinante 30413. Chegou a tempo sim senhor! Mais 700\$00, de uma amiga da Obra. Mais 30\$00 do Pessoal da Aveleda. Mais 50\$00 «para os cancerosos de África», de uma «Rosa Portuguesa». Mais 500\$00 do Pessoal do Sindicato de Empregados de Escritório e Caixaeiros do Distrito de Viseu. De Soure «os habituais e silenciosos 20\$00». Outro tanto de um anónimo. Em carta registada, do Porto, 100\$. Mais 20\$, em acção de graças, de um assinante. Outro tanto e mais três selos, contribuição mensal, pedindo orações. 100\$ de Alice e Armando Araújo. Mais 20\$00 de um admirador da nossa Obra pedindo orações. Mais 130\$00 de um casal da Madeira. Camisas da Sociedade de Tecidos Confiança L.da. Mais roupas, calçado e brinquedos. Mais duas peças de malha de Lisboa. Roupas boas de Lidia. Mais duas migalhinhas e dois pacotes, entregues no Espelho da Moda. Como vê: «Queridinha Portuense, recebemos!» Mais coisas de uma Alfaiataria. De três empregadas da Casa dos Retiros do Bom Pastor, dois pares de meias. Muitos retalhos de flanela e outras coisas, de Marques, R. & Teles L.da Pelo correio mais artigos para vestuário. Lembramos também que temos em Malanje e Benguela, Casas do Gaiato, pelo que os benfeitores de Angola podem para lá mandar tudo o que quiserem.

Sempre com um obrigado do coração despedimo-nos até à próxima.

Joaquim Fialho Caldeira

Casamentos



O «Troja» e a Mulher, que vivem na Troja



Zé Inácio e Esposa, já regressados a França

